

ECONOMIA

As tecnologias são machistas? “Os robôs usados para serviços menores são geralmente mulheres”, alerta eurodeputada Maria da Graça Carvalho

18.09.2020 às 10h54



A escassez de mulheres em cursos e profissões das tecnologias limita o acesso aos melhores salários e perpetua um estereótipo. Dois relatórios redigidos pela eurodeputada Maria da Graça Carvalho alertam para a necessidade de mudar mentalidades logo no pré-escolar



HUGO SÉNECA



Maria da Graça Carvalho, eurodeputada, alerta para a necessidade de eliminar os estereótipos que levam as meninas com menos de 10 anos a evitarem as tecnologias
GENEVIEVE ENGEL - PARLAMENTO EUROPEU

Já houve tempos em que as mulheres eram maioritárias na informática, mas hoje não chegam sequer a um quarto nas diferentes áreas das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). O problema começa no pré-escolar e estende-se durante o primeiro

ciclo do ensino básico. Se não for resolvido nessas idades, é possível que o estereótipo de contornos potencialmente machistas se imponha – e boa parte das meninas acabe por acreditar que as tecnologias não são para elas.

Maria da Graça Carvalho, eurodeputada eleita pelo PSD e ex-ministra da ciência, garantiu a aprovação de dois relatórios no Parlamento Europeu que põem o dedo nessa longa e conhecida ferida do sector das tecnologias: apesar das mensagens que apelam à igualdade e da escassez de mão de obra especializada, apenas 17% dos alunos inscritos de cursos de TIC são mulheres (em Portugal são 12%).

A renitência das mulheres prejudica-as no acesso a profissões que figuram entre as mais bem remuneradas da atualidade, mas também se refletem no hardware e software que é desenhado à imagem do homem e menospreza intentos e necessidades das mulheres. Na Inteligência artificial, a escassa participação feminina pode ter um efeito tão ou mais perturbador. Maria da Graça Carvalho recorda que há equipas de programação e desenvolvimento aplicações que hoje transportam para os algoritmos uma certa maneira de ver o mundo.

O que pode prejudicar as mulheres na hora de verem os seus dados e serviços processados por máquinas. “Esses estereótipos estão lá todos! Na verdade, em vez de reduzir, essas equipas estão a replicar e a aumentar os estereótipos”, alerta a eurodeputada.

Depois de todos os esforços e campanhas dos últimos 20 anos, chega-se à conclusão de que só 17% dos profissionais das TIC são mulheres... não é demasiado reduzido?

É reduzido e é algo que acontece na maior parte do mundo. Mais importante ainda: em vez de estarmos a melhorar, estamos a retroceder. Por estranho que pareça, nos anos 1980, havia mais mulheres nas TIC, como era o caso das engenharias de computadores nos EUA, do que há hoje. Portanto, há uma diminuição. Isto é muito preocupante, porque praticamente todos os trabalhos e funções vão precisar de capacitação nesta área, no futuro. Os trabalhos que são mais bem remunerados são exatamente os dos especialistas das áreas das TIC. Se já temos um fosso nos salários de homens e mulheres este facto (a reduzida participação das mulheres nas profissões tecnológicas) vai aumentar ainda mais esse fosso salarial. E vai agravar o fosso das reformas. E esse é um problema enorme de que falamos muito pouco. A grande pobreza em Portugal, e também em muitos países da Europa, vem das mulheres sozinhas e idosas, com reformas muito baixas. O facto de as mulheres não escolherem as tecnologias da informação, em vez de melhorar a situação, vai agravar o fosso tanto de salários como de reformas.

E se a maioria das mulheres não gostar destes cursos?

Pois não gostam. E é esse o problema. Sou relatora de vários trabalhos nesta área, no Parlamento Europeu. O relatório sobre estas diferenças entre homens e mulheres nas tecnologias ficou concluído agora. Pedimos até um estudo fora, a especialistas de universidades, para que nos fizessem uma revisão, que nos recolhessem os dados, para percebermos o que existe... já tinha uma ideia, mas os dados vieram confirmar essa ideia. As escolhas são feitas quando as meninas ainda são muito novinhas...

O que considera como “muito novinhas”?

Antes dos 10 anos de idade... logo no pré-escolar e no ensino básico são feitas grandes escolhas!

E são as meninas que escolhem ou são os pais que as influenciam?

São influenciadas pelos pais, pela educação, e pela sociedade. É tudo junto – e temos de atuar em tudo isso. Apenas três por cento das meninas do primeiro ciclo do ensino básico dizem que se veem a trabalhar em TIC, quando inquiridas.

Não havendo uma razão genética, temos de concluir que os números apurados por esse inquérito se devem a razões de ordem social!

Não há razão genética, e sim, são razões sociais. Já há muitos anos que percebemos que existia essa tendência nas áreas das ciências e das engenharias, e todos os países europeus, nomeadamente, Portugal, fizeram um grande esforço, com muitos programas nas escolas, para atrair as mulheres para as ciências, para a física, para a matemática, para a engenharia... e conseguimos! Temos hoje um número de mulheres enorme nestas áreas. Mas não temos sido tão bem-sucedidos, e também não temos feito o mesmo esforço nas TIC. E não são as mesmas coisas. Não basta uma menina gostar de matemática, física, química ou biologia para ir para as TIC. As TIC são muito específicas. E por isso, as meninas vão muito para as ciências, para a área da biologia, e engenharias aeronáutica, mecânica, civil, do ambiente... temos sido bem-sucedidos a trazer todas as mulheres para essas áreas. Mas não para as TIC.

Tendo em conta as razões sociais que mencionou, pode-se falar num certo machismo das TIC?

Não se tem o mesmo esforço (para captar mulheres para as TIC) que noutras áreas. Temos feito muito mais ações na atratividade das mulheres para as ciências em geral, do que para as atrair para as TIC. Aquela ideia do nerd... o nerd é sempre um menino, nunca uma menina. Os brinquedos também influenciam. Temos de atuar na educação, do pré-escolar ao ensino básico e depois no secundário. Temos de consciencializar as famílias para os brinquedos que dão (às meninas). E depois há o papel da comunicação social. E há o papel dos modelos que servem de referência para as meninas. Um exemplo: nos EUA, todas aquelas séries que mostram todas aquelas advogadas, que são muito formosas e muito bem-sucedidas, levaram muitas mulheres a escolherem direito. As séries e os filmes são importantíssimos para que a mulher se reveja em diferentes papéis. Vou contar-lhe uma história que é só um episódio e que não permite fazer generalizações, mas ilustra um pouco o que estou a dizer. Sou professora de engenharia mecânica...

... Portanto teve de se habituar a ser a única mulher na sala...

Éramos duas! E também tinha mais uma colega como professora, que era um ano mais velha que eu e também dava aulas no Instituto Superior Técnico. Quando entrei para o Técnico, continuávamos a ter apenas uma, duas ou três (alunas de cursos de mecânica) em cerca de 120 ou 130 alunos em mecânica... e o presidente do Técnico da altura disse-nos: “temos de mudar isto”. E no dia aberto (do Técnico) que se seguiu, foram as senhoras que receberam as turmas. E as alunas de doutoramento mostraram os laboratórios e acompanharam as turmas... sabe quantas alunas tivemos nesse ano? 25! Porque o dia aberto tinha sido feito por senhoras; e tinham sido mulheres a mostrar o departamento aos alunos do ensino secundário... no fim, houve um rapaz que me perguntou: “professora, estava a pensar ir para engenharia mecânica, mas só vejo mulheres aqui... será que me vou sentir bem? Não há homens como professores?”. Até ele deu por falta de um modelo de referência... Houve mesmo uma aluna que me disse que não sabia que havia engenheiras mecânicas e que as pessoas se vestiam desta forma... “até estou mais entusiasmada”, disse essa aluna! Ela imaginava estas engenheiras vestidas de fato de macaco, todas cheias de ferrugem e pó de carvão... O estereótipo é importante na escolha. E depende da família, da comunicação social e do sistema de educação. Nas TIC, passa-se algo de muito grave, porque não estamos a melhorar e vai-se traduzir num maior fosso entre mulheres e homens, e além disso, temos muita falta de engenheiros informáticos. Logo, há um desperdício de mais de 50% da força de trabalho! O que, para a economia, não faz qualquer sentido.

Há mais de 20 anos que assistimos a iniciativas de empresas e entidades que representam o setor tecnológico com vista à captação de mulheres... Nada disso surtiu efeito?

Em muitas áreas superou-se esta lacuna, mas não nas TIC. Há outra área, como é caso dos conselhos de administração das grandes empresas... aí as mulheres não conseguem entrar, deparam-se com uma barreira.

Sendo que as tecnologias até poderão ajudar a chegar a um cargo de chefia!

Mas aí temos outro fenómeno que é interessante e do qual produzimos evidência com dados. Há menos mulheres a entrar nas tecnologias e depois há mais mulheres que as abandonam... é um fenómeno a que chamamos leaky pipe, ou seja, um tubo que vai vertendo água ao longo do caminho. Está provado que em áreas em que são minoritárias as mulheres acabam por ter maiores taxas de abandono, tanto nos estudos como no trabalho. Isso acontece em todas as áreas em que há uma grande dominância dos homens face às mulheres. Mas nas tecnologias esse fenómeno é ainda mais acentuado. Há muitas mulheres que entram (nas TIC) e que vão para casa, sem continuarem a vida profissional, ou então mudam de área.

Nas tecnologias, também há o mesmo fosso salarial entre homens e mulheres ou será que é maior?

Não, nestas áreas, a desigualdade salarial não é maior que aquela que se regista noutras áreas. Mas como há menos mulheres nestas áreas, a média da desigualdade salarial (geral) vai sendo muito grande... uma vez que estas profissões são das mais bem pagas, a escassez de mulheres vai contribuir para o aumento da desigualdade salarial geral entre homens e mulheres.

Mas ainda não nos avançou números que ajudem a descrever esta desigualdade...!

O número de alunas a nível europeu é de 17% nas TIC, e Portugal está ligeiramente abaixo da média europeia, nos 16%. Os alunos universitários são maioritariamente mulheres em Portugal... mas como é que, nesta área das TIC, só temos cerca de 12%? Geralmente, (nos outros cursos) temos acima de 50%. No mercado laboral, também há mais ou menos 17% dos profissionais que são mulheres nas TIC... e geralmente, em posições que não são de topo. Esse é também um número que também é importante. Em doutoramento em TIC, temos 21% de mulheres... nas engenharias, incluindo civil e mecânica, temos 29%. Temos mais mulheres a escolher engenharias mecânica, metalomecânica, indústrias transformadoras, enquanto nas TIC são 21%. O que não se percebe muito bem. É um valor que também nos preocupa. Nas áreas das ciências, temos 18% de mulheres em posições de topo, mas nas tecnologias são 12%... o que também é baixo. É engraçado que na Inteligência Artificial (IA) e na Cibersegurança que têm sido mais faladas agora, temos umas percentagens ligeiramente superiores. Temos 22% na IA e mais ou menos na Cibersegurança, mas na cibersegurança o número de mulheres está a crescer.

A reduzida representatividade das mulheres nas tecnologias reflete-se nos diferentes produtos de software e hardware que são desenvolvidos?

Produzimos um outro relatório que toca precisamente nesse assunto: o facto de termos poucas mulheres vai replicar as desigualdades. Esse relatório foca-se essencialmente na IA, que tem equipas constituídas essencialmente por homens... são poucas as mulheres. A IA tem por base os dados obtidos e por algoritmos que são um conjunto de regras. Uma equipa de trabalho maioritariamente masculina terá a tendência de reproduzir a forma de pensar nestas regras (de IA). E por isso, temos essa recomendação nesse relatório: devem ser criadas equipas para a IA que tenham diversidade. Que tenham pessoas de diferentes origens para terem uma multiplicidade de formas de pensar. Mas se formos analisar os géneros, é chocante. Há muitas equipas a desenvolver determinadas aplicações que têm apenas homens...

Será que essas equipas estão a fomentar robôs machistas?

É algo que acontece. Fico chocada com os nomes que dão aos robôs, a forma de falar dos robôs, até o formato que dão aos robôs. Os robôs usados para fazerem determinados serviços menores são geralmente mulheres. Esses estereótipos estão lá todos! Na verdade, em vez de reduzir, essas equipas estão a replicar e a aumentar os estereótipos. Temos de ter muito cuidado com os conceitos tendenciosos, temos de ter cuidado para que as regras não tenham uma determinada inclinação. Como é que se eliminam essas regras tendenciosas? Com bases de dados com comunidades diversificadas e com equipas diversificadas... para que essas equipas tenham consciência, porque elas próprias podem fazer isso de forma inconsciente. Era bom que essas equipas tivessem consciência de que não devem replicar os seus próprios preconceitos para não produzirem resultados enviesados.

Há alguma medida ou tomada de posição que possa vir a ser tomada pelo Parlamento na sequência destes dois relatórios?

Temos muitas recomendações para os Estados Membros, para a Comissão Europeia, e para a própria sociedade. Muitas destas áreas não são competência europeia e pertencem aos estados-membros, como é o caso da educação. Mas é possível fazer recomendações, e atuar através dos financiamentos.

Portanto, não é algo que possa levar à aprovação de leis ou à imposição de quotas?

Não, penso que não. No caso das mulheres nos conselhos de administração, há uma diretiva que se mantém em cima da mesa, mas há igualmente uma minoria de bloqueio... são oito estados-membros que não querem essa interferência por considerarem que não é competência da EU. Mas aqui (nos relatórios sobre IA e a participação das mulheres) trata-se de melhores práticas, de uma recomendação de uma grande reforma do sistema educativo, principalmente do pré-escolar... todas estas questões são iniciadas desde muito cedo. O contacto com as tecnologias, o uso das tecnologias, os livros escolares... temos de ter muito cuidado. Há imensos casos que mostram que não temos esse cuidado. Lançamos uma série de recomendações para os estados-membros porque são eles que têm competência. Mas há muitas coisas que a Comissão Europeia pode fazer. Por exemplo, a Comissão Europeia tem um orçamento grande, e desta vez, até é maior devido ao plano de recuperação (da economia) e pode introduzir algumas destas recomendações, ou mesmo exigências no que toca à atribuição de financiamentos.

Mas não é na mentalidade que começa este problema da desigualdade? Como é que mudam mentalidades através de medidas políticas?

As pessoas reagem muito a estímulos. Sou coautora de um programa do Instituto Europeu de Tecnologias que tem como critério (de seleção) a excelência, mas em igualdade de circunstâncias passa o projeto que tiver maior diversidade de género e geográfica e cultural... e conseguimos fazer passar isto. Estas coisas já começam a produzir efeito. O financiamento é, em muitos casos, um estímulo. O financiamento europeu é praticamente o único que existe neste momento em muitos países, como Portugal. A Comissão Europeia já disse é uma prioridade juntamente com o ambiente. Mas na digitalização não se esqueçam que não é só homens. Queremos ver equipas multidisciplinares e temos um grande programa de formação e capacitação para homens e mulheres. Isto é algo que a Comissão Europeia pode dizer... e não tanto avançar com legislação, que é para os estados-membros, mas ao nível do financiamento. Portugal vai ter de certeza financiamento da formação para a população na área digital. A nossa recomendação é que esse financiamento seja tanto para homens como para mulheres e que se procure um equilíbrio quer nos formandos e também nos formadores